

TRADUÇÃO DO INSTANTE: LITERATURA E FOTOGRAFIA NA OBRA ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR

CAMARGO, Ralph Willians¹

RESUMO

No campo das projeções de massa, a fotografia apesar de banalizada e dissipada como produto e símbolo das transformações evolutivas (como a câmara digital) apresenta-se como um dos 'media' capazes de distorcer o real valor de uma obra, representá-la com extrema sensatez, ou gerar diversas interpretações, a partir da relação emissor X receptor. Com o advento da fotografia e seu complemento à informação, é possível justificar o interesse para o desenvolvimento de tal linguagem e suas derivações. Torna-se impossível imaginar um mundo sem a fotografia em jornal, revista, internet, TV ou esses sem a palavra. O conhecimento e formação linguística mostram-se após a reprodução de acontecimentos e porque não dizer uma consequente manipulação da linguagem através dela. Para alguns, ela é um suporte - limitado para quem não a reconhece como forma de expressão artística - e para outros, ilimitada para os campos do saber e da cultura, que transita pelas mais diversas áreas de estudo. Assim, o objetivo deste trabalho é elaborar uma obra fotográfica, baseada na tradução literária e no conceito de instante de Gaston Bachelard da obra 'Água Viva' da escritora Clarice Lispector, na qual seja possível a tradução das palavras por imagens, bem como apresentar a possibilidade de convergência entre essas duas linhas artísticas e apresentar ao âmbito acadêmico a fotografia como um interessante centro de busca e hibridização entre outras formas de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, fotografia, tradução, instante, Clarice Lispector

TRANSLATION OF THE MOMENT: PHOTOGRAPHY AND LITERATURE IN THE WORK ÁGUA VIVA FROM CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT

Photography, on mass projections area, though trivialized and spread out as a product and symbol of evolutionary transformations (such as digital camera), is one of the 'media' that can distort the real value of a work, since it does not represent this last one with good sense or create different interpretations, from the relation between transmitter and receiver. With the photography advent and its addition to information, it can be explained the interest to develop this language and its derivatives. It is impossible to imagine a world without photography in newspaper, magazine, internet, TV or these ones without a word. Knowledge and linguistic education show up after the events reproduction and as a consequent manipulation of language based on it. For some people, it is a support - limited to those who do not recognize it as a way of artistic expression - and for others, it is endless on knowledge and culture, since it can circulate through the most diverse areas of study. Thus, this study aimed at developing a photographic work, based on literary translation and on the concept of instant (*L'Intuition de l'instant*) from Gaston Bachelard based on Clarice Lispector's book 'Água Viva', in which it is possible to translate the words for images as well as present a possibility of convergence between these two artistic options and introduce the academic field to photography as an excellent center of study and hybridization among other forms of language.

KEYWORDS: Clarice Lispector, instant, literature, photography, translation

O INSTANTE CONGELADO

A fotografia é um dos elementos mais democráticos dentro das manifestações artísticas deste século. Todos gozam da possibilidade de desenvolver trabalhos através deste objeto produtor e reproduzidor de imagens. Para Kubrusly (1991, p. 10), "a fotografia é a manifestação democrática de uma arte aristocrática". Tal afirmação vem da antiga divisão entre dois grupos: os fotógrafos, artistas de profissão que dominavam todas as técnicas fotográficas e o restante da população que, após a revolução industrial (neste ponto da história, a fotografia já se tornara popular pelas mãos de George Eastmann), pôde comprar aparelhos 'automáticos'. Isso tornou a fotografia e sua criação mais acessíveis para todos.

Mais do que um aparelho de reprodução, a fotografia é capaz de captar outros sentidos ou despertá-los a partir da dualidade destacada por Barthes sobre o *punctum* e o *studium*, esses, como formas de interpretação da linguagem fotográfica e que estão ligados de maneira explícita ou implícita à imagem. O *Studium* é a expressão mais comum entre o fotógrafo e o expectador. As intenções da foto estão claras, geradas pelo profissional (ou amador) e facilmente podem ser interpretadas.

É o *studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, estudo, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular (BARTHES, 1984, p. 45).

Já o *punctum* não depende apenas do fotógrafo para sua compreensão, pois necessita do expectador, de sua própria interpretação da cena e que, a partir de suas observações, fará uma seleção do que lhe é agradável ou que chama a atenção dentro da cena retratada e o sensibiliza. Em alguns momentos, os reais objetivos do fotógrafo ficarão em segundo plano, pois, os elementos de construção (como um toque ou um braço cruzado, na cena) serão mais fortes na

¹ Especialista em Jornalismo e Novas Linguagens, Marketing. Professor Coordenador dos Cursos de Comunicação Social da Faculdade Assis Gurgacz – FAG e mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Área de Concentração: linguagem e Sociedade | E-mail: ralphwillians@gmail.com

imagem. “*O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)*” (BARTHES, 1984 p. 46).

Esta leitura da imagem serve com ponto de partida para a união com a Literatura, num trabalho para a unificação das linguagens a partir do instante em Clarice Lispector e as imagens de Boris Kossoy - inspirado pelo Realismo Mágico nas obras de Edgar Allan Poe - geram uma tradução, de acordo com conceito de Benjamin, de tais imagens. Para isso, autores da fotografia, literatura e filosofia serão usados para a amarração metodológica desse trabalho. Este é um dos capítulos que resultará no trabalho de dissertação, que será apresentada para o Curso de Mestrado em Letras da Universidade Oeste do Paraná – UNIOESTE.

ESPERE UM INSTANTE

A fotografia é a captação de um instante, seja ela interpretada pelo *punctum* ou pelo *studium* e a busca por uma essência de pesquisador dentro de um trabalho de tradução e desenvolvimento entre a linguagem fotográfica e a literatura. Ela nunca é individual, mas uma somatória diversificada de referências bibliográficas e experimentações. É, portanto, necessária uma abordagem epistemológica a fim de ampliar os horizontes para unificar ou buscar um elo que norteie a proposta.

A palavra e sua representação/significação se tornam elementos de um momento que é já, agora, e assim, as formas e cores de uma fotografia podem ser como cita Bakhtin, de “eu-para-mim, o eu-para-os-outros, o outro-para-mim”, que estão colocadas de forma aberta ao indivíduo que receberá uma imagem, que é linguagem.

Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida” (BAKHTIN, 1978, p. 132).

A imagem é também um diálogo entre emissor e receptor. A fotografia é um objeto de comunicação e linguagem através do sentido, no qual a imagem pode ser uma representação e com ela levar significados, ganhar o status de linguagem, não no sentido fonético, mas no âmbito da representação iconográfica repleta de significantes, signos e significados. O conceito de tradução permite, em seu sentido amplo, trabalhar com qualquer tipo de comunicação verbal, oral ou escrita, exterior ou interior, manifestada ou não. O livro é um ato de fala impressa.

O discurso escrito é, de certa maneira, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc (BAKHTIN, 1978, p. 123).

Desta maneira, a fotografia soma-se à tradução como forma de completar a fala escrita ou propriamente pronunciada. Por mais silenciosa que pareça uma imagem e seu significado, ela pode mostrar diversas falas ao mesmo tempo.

A leitura de obras literárias para a fotografia é um trabalho de traduzir a personalidade do autor da obra e, ao mesmo tempo, impor características do autor fotográfico. É preciso compreender o autor e isso não é possível através de apenas uma obra:

A tradução é, em primeiro lugar, uma forma. E concebê-la como tal significa antes de tudo o regresso ao original em que ao fim e ao cabo se encontra afinal a lei que determina e contém a ‘traduzibilidade’ da obra. Este problema da ‘traduzibilidade’ de uma obra é susceptível de duas interpretações: com a primeira inquire-se a possibilidade de jamais se encontrar entre todos os seus leitores um tradutor acessível, pondo assim uma questão a que só pode corresponder a uma resposta também problemática; com a segunda interpretação – aliás, a mais pertinente e apropriada – pergunta-se se a natureza da obra permite uma tradução, ou de acordo com o significado dessa forma, se até não exige e reclama, levantando-se aqui um problema a que se deve responder de modo claro e apodítico. (BENJAMIN, 2008, p. 26).

Dentro dessas possibilidades de concretização e paralisia do instante, recorremos à Bachelard que propõe uma análise não contínua do tempo e sim descontínua, em instantes. O tempo é constituído por uma sucessão de instantes descontínuos que são ampliados. A partir dessa ótica, a fotografia surge mais uma vez como algo semelhante ao ato teatral, repleta de elementos significativos para a literatura e para as imagens. O tempo pode recorrer ao passado, presente e futuro como um lapso: “o que o pensamento de Einstein chama de relatividade é o lapso de tempo, é o ‘comprimento’”. Esse comprimento é relativo a seu método de medição (BACHELARD, 2007, p. 31). A narrativa fotográfica ou sua tradução rompe com o tempo e o espaço, congela-se no instante; o ‘frame’ captado pela máquina o eterniza e distorce o tempo e o espaço. Uma imagem poderá gerar lembranças que farão o expectador viajar pelas memórias e sentidos. É a quebra e a transformação descontínua do tempo através de uma instante captado. Sua tradução se dará de acordo com a pessoa e suas relações de vida, informações subtraídas ao longo do tempo.

Para explorar estas relações, recorro ao fotógrafo Boris Kossoy para elucidar e nortear trabalho de tradução em Clarice. Boris Kossoy compartilhou seu trabalho de tradução em 1971, quando publicou o ensaio *‘Viagem pelo Fantástico’*, com imagens muito próximas ao surrealismo, inspiradas no autor Edgar Allan Poe, considerado autor do “Movimento Realismo Fantástico”. Um dos itens que pode delimitar tal movimento é a distorção do tempo, em que presente e passado se repetem ou se assemelhem.

O fotógrafo, em entrevista dada à Folha de São Paulo, definiu que O fantástico “tem muito do literário; é a convivência de situações aparentemente desconexas que, com a quebra de um olhar monótono, criam uma nova verdade” (KOSSOY, 2008).

As imagens fotográficas anexadas à obra podem representar outro instante que não é evidenciado pelas lacunas do texto, fissuras literárias em determinados momentos são passíveis de compreensão do instante em um discurso linear e outro onde a autora foge desta linearidade, pois trabalha a imaginação e aprisiona o leitor à narrativa.

O retrato ‘A noiva’ representa uma mulher, sentada em uma estação, que possivelmente espera um trem que virá das linhas em perspectiva. Mas, qual a perspectiva do autor nesta imagem? Uma noiva habitualmente deixada no altar não estará na estação vestida de noiva para tomar um trem. Estaria ela desiludida com a união e em fuga? Ou alguém que procura casar com seus ideais, partindo de escolhas únicas e instantâneas?

O instante, a partir deste ponto, torna-se o fator primordial para a sequência das histórias fotográficas. Um único momento aprisionado em um ‘click’ pode congelar os pensamentos e aprisioná-los em um mundo de diferentes instantes:

Figura 1: A noiva.



Fonte: Franco da Rocha, 1970, da série Viagem pelo Fantástico – Boris Kossoy

Estou neste instante num vazio branco esperando o próximo instante. Contar o tempo é apenas hipótese de trabalho. Mas, o que existe é perecível e isto obriga a contar o tempo imutável e permanente. Nunca começou e nunca vai acabar (LISPECTOR, 1990, p. 57).

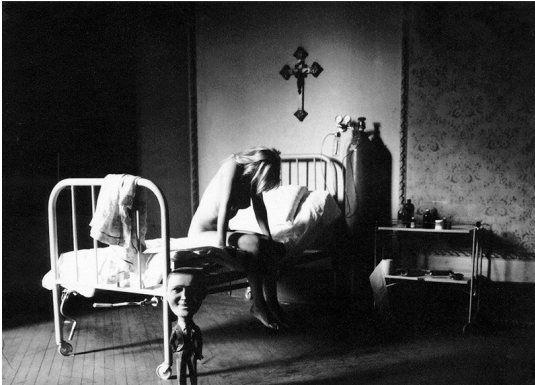
Podemos ter outras alusões além das que podemos ter em um primeiro momento quando nos deparamos com a fotografia em seu instante:

[...] a verdadeira realidade é o instante; a duração é apenas uma construção, desprovida de realidade absoluta. Ela é feita do exterior pela memória, potência da imaginação por excelência, que quer sonhar e reviver, mas não compreender” (BACHELARD 2007, p. 290).

A interpretação iconológica de uma fotografia converte-se em “uma representação a partir do real” (KOSSOY, 2002, p. 59), em que o registro tem um aspecto *‘selecionado’* do momento que é, para Kossoy, ideologicamente cultural, técnico e esteticamente organizado. O instante pode não ter uma realidade absoluta, ou já a teve, mas, se tornou passado logo após o ‘click’. Esse passado pode ser confirmado como verdade no presente ou quebrado no futuro. O futuro já é! Isso torna o instante um constante jogo de momentos fotograficamente registrados.

Na imagem ‘A Clínica’, várias referências podem ser acionadas como elementos de composição da foto. Luz e sombras não estão ali por pura e simples obra do acaso. No instante da imagem, Kossoy elaborou uma narrativa visual. Os elementos fantásticos, realísticos e ao mesmo tempo desconexos (como o boneco Sr. Américo que representa o Alter-ego do autor) dão dramaticidade e questionamento à cena. O elemento religioso, representado pelo crucifixo e a luz localizada que acrescenta equilíbrio (yin e yang) à cena, acarreta uma perspectiva dramática num leito de hospital. Hospitais são locais de vida e morte. Opostos assim como luz e sombra (necessários para existir um equilíbrio) ou de renascimento. O instante captado é um eterno renascer de interpretações múltiplas, basta olhar para a imagem.

Figura 2: *A Clínica.*



Fonte: São Paulo, 1973 - da série *Viagem pelo Fantástico* – Boris Kossoy

Ah, este flash de instantes nunca termina. Meu canto do it nunca termina? Vou acabá-lo deliberadamente por um ato voluntário. Mas, ele continua em improviso constante, criando sempre o presente que é futuro (LISPECTOR, 1990, p. 99).

A seriedade sobre o assunto abordado - morte ou a proximidade dela - gera um congelamento de determinado tempo/instante. Em Lispector, a quebra ou convergência também é apresentada entre o real e o ficcional. A autora alterna, a todo o momento, esta relação entre os dois mundos.

Para Calvino (1990, p. 113), “*a fantasia do artista é um mundo de potencialidades que nenhuma obra conseguirá transformar em ato*”. É possível, portanto, orientar uma significação artística entre a literatura fantástica, fonte de inspiração de Boris Kossoy, a obra *Água Viva* e a fotografia. Diante dos elementos que se justapõem entre o real e o ficcional, a literatura faz com que o leitor se apodere da narrativa e os tome como verdade corroborada pela imagem:

[...] ‘*spiritus phantasticus*’, no qual a fantasia do escritor tinge a forma e figura, é um poço sem fundo; e quanto à realidade externa, A Comédia Humana de Balzac parte do pressuposto de que o mundo escrito pode estar em homologia com o mundo vivente, tanto daquele de hoje como o de ontem e o de amanhã (CALVINO, 1990, p. 113).

As obras se convergem na medida em que anexadas. Ela se aprimora e dá mais sentido a partir do momento em que a literatura interrompe a exatidão de uma leitura fotográfica simplista e conduz o leitor para uma identificação, experimentação e derivação do ficcional.

Esquecendo as questões sobre o valor artístico, é significativo ressaltar que a fotografia é para a literatura hoje uma forma de abranger públicos, sensibilizar a palavra, gerar questionamento, completar uma frase ou traduzi-la através do olhar. Ambas podem ser dependentes ao complemento de uma tradução:

Tradução é uma forma. A partir desta tese central, Benjamin reconceitua a tarefa do tradutor: trans-pôr, transformar. Entenda-se, formar noutra língua, reformar na língua da tradução a arte do original. Se a tarefa é possível, a tradução é possível! A Tarefa do Tradutor está fundamentada sobre uma concepção de linguagem, uma teoria da linguagem, que Walter Benjamin constrói ao longo de sua obra, onde os textos vão se interligando, dialogando, se traduzindo (FURLAN, 1997 p. 2).

A partir do ponto de vista de Lispector, instantes se modificam a cada segundo, seja lá ou cá, os passos são trocados de acordo com o tom da música orquestrada. Em *Água Viva*, a escrita automática e instantânea da autora é o subsídio para trabalhar o tempo e o espaço de uma narrativa que é também fotográfica e a todo o momento guia para um mundo de fotografias mentais com as descrições que a personagem faz de si e de suas histórias.

O tempo só tem uma realidade, a do Instante. Noutras palavras, o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nada. O tempo poderá sem dúvida renascer, mas primeiro terá de morrer. Não poderá transportar seu ser de um instante para outro, a fim de fazer dele uma duração. O instante é já a solidão [...] (BACHELARD, 2007, p. 17)

Como o instante e o tempo são indivisíveis, é possível aproveitar a relação da obra e a preocupação da autora sobre o instante. Para Kossoy (2000, p. 22), “as imagens se distribuem por toda a extensão de nossa caminhada e interagem entre si, dialogam plástica e culturalmente como seu tempo, mas também transcendem a época em que foram criadas”.

Esta transcendência do tempo é um fator importante para a manutenção da fotografia como arte e como tradução de um momento. Aquele instante ficará ligado aos conceitos e à orientação do autor que a produziu para que cada um possa interpretá-la de maneira diferente: “Porém, essa consagração do instante como elemento temporal primordial só pode, evidentemente, ser definitiva se for primeiro confrontada com as noções de instante e de duração” (BACHELARD, 2007, p. 18).

Para Berguson, temos uma experiência íntima com a duração, ligada diretamente à consciência da pessoa, um dado imediato. Ele cita, por exemplo, os físicos que fazem dela um “tempo uniforme e sem vida”, desumanizada como fazem os matemáticos. Berguson, segundo Bachelard, considera o instante “um corte artificial que ajuda o pensamento esquemático”. Sem derivações que não sejam objetivas, frias. Para ele, “a vida pode receber ilustrações instantâneas, mas é a duração que explica verdadeiramente a vida” (BACHELARD, 2007, p. 20).

É preciso ressaltar o ato de atenção na experiência do instante citado por Bachelard. Logo, não há verdadeiramente provas senão na vontade, no campo da consciência, de que se aplica para decidir um ato. Essa ação que ocorre por trás do ato está inserida no campo das “consequências lógicas ou fisicamente passivas” (BACHELARD, 2007, p. 23). Nisso, pode-se então distinguir as duas filosofias: a bergsoniana (filosofia da ação) e a roupneliana (filosofia da ação, do ato). “Para Roupnel, um ato é sempre uma decisão instantânea” (BACHELARD 2007, p. 23).

O tempo e o instante são tratados em *Lispector* de forma peculiar, *o instante já*, a busca pelo “*é da coisa*”, ao qual a autora se refere, é voltado para esta análise e relaciona a captura do tempo pela fotografia e seu instante da literatura através de uma interpretação dos sentimentos humanos ou irreais de uma obra repleta de elementos que extrapolam os sentidos:

Eu te digo que estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugido não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do *é da coisa*. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício, eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo [...] (LISPECTOR, 1990, p. 13).

Em Bachelard (2007, p. 42), o instante é “*a duração que não passa de um número cuja unidade é o instante*”. O instante, portanto, será a unidade possível para mensurar os momentos?

Figura 3: Viaduto



Fonte: São Paulo, 1970, da série *Viagem pelo Fantástico* – Boris Kossoy

Um mundo fantástico me rodeia e me é. Ouço o canto doido de um passarinho e esmago borboletas entre os dedos. Sou uma fruta roída por um verme. Espero o apocalipse orgásmico. Uma chusma dissonante de insetos me rodeia, luz de lamparina acesa que sou. Exorbito-me então para ser. Sou em transe. Penetro no ar circundante. Que febre, não consigo parar de viver. Nesta densa selva de palavras que envolvem espessamente o que sinto e penso e vivo e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que, no entanto, fica inteiramente fora de mim [...] (LISPECTOR, 1990, p. 72-73).

A relação do instante presente nas obras passa a ter caráter único a partir de sua fusão. A fotografia torna-se um aglomerado entre tempo/instante imortalizado pela fotografia. A partir de agora, alimentar ou ainda ampliar os horizontes da narrativa de Clarice. “*Quem ouve o canto doido de um passarinho*” agora é materializado pela imagem, sua representação - inicialmente mais simples – agora é complexo e os elementos psicológicos da personagem estão mais evidentes. A imagem é introduzida no contexto da obra, dando mais veracidade ao quadro mental que o leitor pinta em sua mente.

Quando empregamos elementos fotográficos para ajudar a compor a cena que foi descrita, apropriamo-nos da figura como ajuda para representar nossos personagens ou expurgá-los: “No fundo – ou no limite – para ver bem uma foto mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos” (BARTHES, 1984, p. 84).

Em Água Viva cada “coisa” (como a própria autora se refere) tem seu instante, seu tempo de existência: “Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício, eles espocam mudos no espaço” (LISPECTOR, 1980, p. 9). O instante classifica-se como a semente da vida: “Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quantos os instantes que decorrem, fragmentária que sou” [...] (LISPECTOR 1980, p. 10).

Para a escritora, a comunicação verdadeira encontra-se entre o tempo e o espaço classificado como “instante-já” em que tenta apreendê-lo. O instante ou a fração do segundo é a matéria-prima do fotógrafo. Para Fonseca e Souza (2011, p. 155),

as reflexões de Clarice Lispector, além de confirmarem a pertinência da relação entre literatura e fotografia, permitem inferir que a existência humana acontece primacialmente nos instantes. O fascínio diante de uma fotografia surge principalmente dessa sua capacidade de reproduzir, de forma convincente, o instante. A ilusão de sua captura é algo que a aproxima da magia, mesmo sabendo que, para a sua realização, há uma explicação científica que aponta para o uso de recursos ópticos, químicos e técnicos necessários à revelação de cada imagem.

Figura 4: A mulher e a cidade

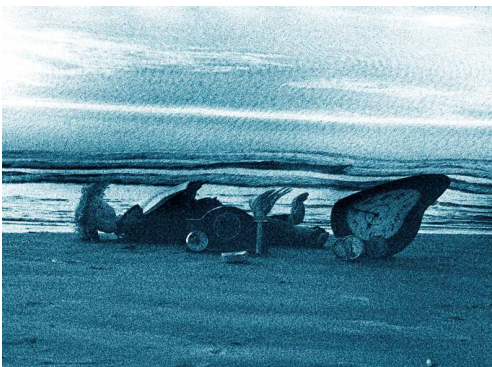


Fonte: São Paulo, 1971, fotomontagem da Série: Viagem pelo Fantástico – Boris Kossoy

Esta fotomontagem de Kossoy corrobora com Fonseca e Souza sobre o fascínio da fotografia. As ondulações dos prédios estão relacionadas às curvas femininas. A montagem, feita de maneira artesanal, sem a ajuda de computadores, ressalta também a relação de Clarice aos momentos em que deixa claro, em mensagens enviadas ao amante anônimo registrado nas entrelinhas dos instantes que passaram, seus desejos de mulher pelo homem; e as sensações que ela vivencia pela cidade são avistadas através de sua janela e em determinados momentos que conta suas histórias. A sexualidade está evidente em alguns trechos do livro, seu calor, o fogo, a ideia de apaixonar-se e de se deixar apaixonar estão representados por uma paisagem urbana com o corpo de mulher. Uma cidade também é feita de desejos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTANTE

Figura 5: Outros Tempos (3) s. 1.



Fonte: 1970 (da Série Viagem pelo Fantástico)

Este emaranhado de informações e relações trata sobre o instante ligado ao tempo que passamos para podermos nos apoderar das relíquias da vida, experiências, histórias, momentos, bem como dos instantes que são como relógios

em que o tempo e o espaço podem ser distorcidos para relembrarmos um fato ocorrido há anos no qual nem sequer a fotografia poderia ter representatividade. Sua referência ao tempo no instante não era a mesma que o instante atual. São frações de segundos que se perdem em anos, décadas e afins. A distorção do tempo e espaço brinca com a relação da vida. Sentindo-se usados pelas artimanhas das significações desse tempo que já é.

Ainda não é possível traçar uma finalização para essas ideias, visto que outros questionamentos sobre o instante e sua tradução na literatura ainda estão por vir. Enquanto este conceito ainda não é definitivo, basta-os refletir sobre a tentativa de traduzi-las em imagens, letras e pensamentos.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A intuição do instante. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.

BAKHTIN, M. (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 5a ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1984.

BENJANIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, v. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALVINO, Í. Seis propostas para o próximo Milênio: lições americanas Trad. Ivo Barroso – São Paulo, Companhia da Letras, 1990

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

FURLAN, M. “Linguagem e tradução em Walter Benjamin”. 1997. In: Anais do XI Encontro Nacional da Anpoll, João Pessoa, PB, 1996. (p. 551-556).

GAGNEBIN, M. História e narração em Walter Benjamin. 2ª Edição revisada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

KUBRUSLY, C. A. O que é fotografia. Editora Brasiliense, 1991.

LISPECTOR, C. Água Viva. Rio de Janeiro. Francisco Alves 1990.

SANTAELA, L. Winfred Nöth: Imagem – Cognição, semiótica, mídia, 4ª. Ed. Editora Iluminuras.

SONTAG, S. Ensaios sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

BRANCO, L. C. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Fale UFMG, Belo Horizonte, 2008 <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/atarefadotradutor-site.pdf> acessado em 20/04/2011.

FONSECA, P. C. L., SOUSA, F. D. Literatura e Fotografia: o anseio pela apreensão do instante. Revista Signótica, UFRJ – Rio de Janeiro, volume 20, 2008 Acessado em: 20/04/2011 <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/5116/4240>.

SILVA, E. R. S., SILVA, M. S., PAPE, I. F. Simpósio de literatura e fotografia -ABRALIC– 2011. Acessado em: 21/04/2011 <http://www.abralic.org.br/upload/informativo/simpósiosaprovados.pdf>.

SSCHÜÜR, G. Fotografia: a arte e a técnica - Entrevista concedida pelo fotógrafo Germano Schüür à revista Informativo Randon. Outubro de 1986. <http://www.photographia.com.br/texfoto.htm>. Acessado em 04/09/2011.

VECHINA, I. Recantos das Letras: Água - Viva - Clarice Lispector em 06/04/2006 <http://recantodasletras.com.br/artigos/134686>. Acessado em 18/04/2011.